

PMS	FME	LEIN
BIBLIOTECA		
Jornal	A Tarde	
Data	12/08/03	
Local	4	
Seção		
Assunto	Defesa Civil	



A visão da baía é magnífica; o mesmo não pode se dizer das condições do casario histórico na região do Largo 2 de Julho

Memória de Salvador afundando lentamente

Paredes de belos casarios nas ruas do Sodré e Ladeira da Preguiça estão caindo

JAIR MENDONÇA

É rápido o processo de degradação de parte do Centro Histórico de Salvador, numa grande área situada no entorno do Museu de Arte Sacra, em frente à Baía de Todos os Santos, abrangendo diversas ruas. Existem lugares, como a tão decantada Ladeira da Preguiça, onde a destruição é tão grande, que o cenário lembra cidades bombardeadas.

E o pior: corre-se o risco de perda total da memória arquitetônica de vários imóveis. No Pelourinho, um acervo de fotos do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural-Ipac foi importante para as obras de recuperação dos imóveis. Isso, entretanto, não ocorre com muitos casarios que estão sendo destruídos nas ruas do Sodré, Areal de Baixo e Ladeira da Preguiça.

Na Rua do Sodré está um exemplo claro do descaso público: em frente ao bonito imóvel de nº 43, o Solar onde faleceu o poeta Castro Alves, em 6 de julho de 1871, três casarios foram completamente derrubados. Não há registro, em foto, das fachadas arquitetônicas das casas destruídas, apesar de imponentes. Perdeu-se a memória. Moradores pobres retiraram portas, janelas e alguns afrescos, alguns deles trazidos de Portugal.

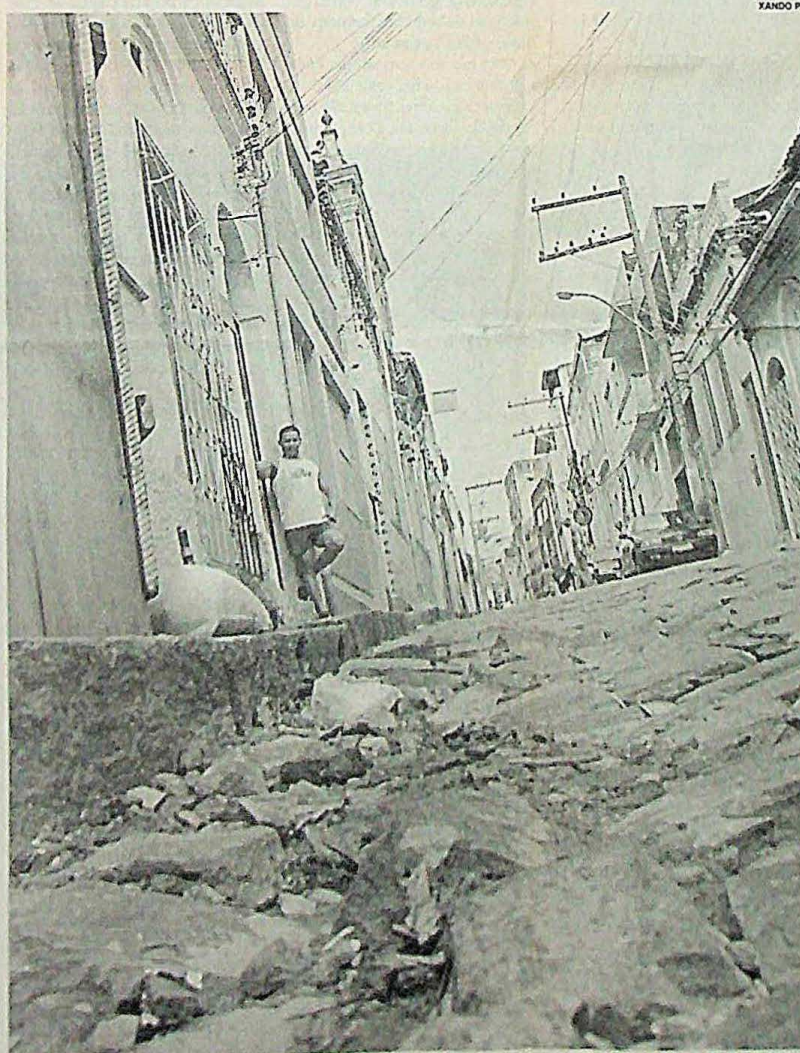
A destruição da rica memória arquitetônica não pára. Na Rua do Areal de Baixo, o tempo trata de derrubar os últimos alicerces dos imóveis nº 15 e 13. Ainda na Rua do Sodré, pelo menos, mais dois casarios estão abandonados e caindo. Na esquina da Rua do Sodré com a Ladeira da Preguiça, um corredor inteiro de casas veio ao chão.

O problema é que a falta de manutenção pública está causando de acelerar o processo de degradação. O piso da estreita Rua do Sodré, pavimentado com paralelepípedos, está afundando em vários trechos.

Um deles foi originado, segundo moradores, pela escavação feita no terreno de outro imóvel que caiu, o de nº 76 para construção de outro imóvel.

TREPIDAÇÃO - Em ruas de Olinda, área histórica da cidade de Recife, Pernambuco, e também em Outro Povo, interior de Minas Gerais, onde existem ricos acervos patrimoniais, leis municipais proibiram a circulação de veículos.

Sabe-se que a trepidação causada pela livre circulação de veículos contribui para a deterioração do processo de desgaste de imóveis antigos.



Tráfego de veículos pesados afunda o calçamento e provoca perda de material de solo

Na Rua do Sodré, isso ainda não ocorre. Caminhões trafegam na estreita rua. Um morador do prédio nº 78, bastante degradado apesar de bem povoado, disse que sente o prédio "tremor" quando os carros passam.

Segundo o engenheiro Carlos Fernando Silva, o afundamento do piso na área pode ser resultado de um processo de varamentos internos da rede, o que representa "fuga" de material de compactação do solo.

A Assessoria de Imprensa da Embasa, empresa responsável pelas redes de abastecimento de água e de esgotamento sanitário, confirmou conter ter sido esse o motivo do afundamento de um trecho na Rua do Areal de Baixo.

As obras na Rua do Areal de Baixo deverão ficar concluídas hoje, dia 12. A empresa enviou uma equipe de engenheiros à Rua do Sodré para analisar os trechos da rua que estão afundando.

Moradores temem violência

Outro ponto de onde se descolina uma bela visão da Baía de Todos os Santos, é a Rua Visconde de Mauá, que liga o Largo 2 de Julho à Igreja da Conceição da Praia. A cantora Maria Bethânia comprou um dos casarios, onde tem uma de suas moradias.

Trata-se de uma medida isolada. As últimas paredes do casario nº 2 estão caindo. "Estamos perdendo uma bonita memória", lamentou o morador Renato Gabriel da Silva, que se queixou, também, da total falta de segurança na área.

A rua, aliás, é um referencial da falta de obras de conservação. O muro de sustentação da pista que reforça a antiga rua está caindo. Parte já desabou para um precipício com mais de 20 metros. Faltou tudo. "Muita vez eu fui correndo aqui (na rua) quando retornava, às 10 horas da noite, do trabalho", disse uma moradora.

No último sábado, a moradora surpreendeu um ladrão que tentava pular para dentro de sua residência. Frustrado, desistiu. Mas avisou: "Eu vou voltar", disse ele para a moradora, que está amedrontada.

A moradora Ione Castro, residente na Rua Areal de Baixo, vive amedrontada num apartamento todo gradeado. "Não saio mais à noite com medo dos marginais, são eles quem mandam por aqui, já que não existe policiamento".

Desde que começou a desabar, o imóvel nº 43, situado na Rua Areal de Baixo, não foi isolado e se transformou, segundo vizinhos, em mais um ponto de encontro de usuários de drogas. O morador PHVR, está desiludido: "Apesar a quem?" indaga.

O crime castiga a quem denuncia. Foi o que ocorreu ao estudante M.C.V. No ano passado ele testemunhou um assalto no Largo 2 de Julho. Reconheceu o assaltante e o denunciou à polícia. O rapaz foi liberado e no dia seguinte aplicou uma surra no estudante.